



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Quando o ausente se faz presente: reflexão sobre o uso da imagem fotográfica com o recurso de acesso a memória¹

RESUMO: O artigo apresenta o uso da fotografia como ferramenta para acessar memórias individuais e coletivas. Ao apresentar registros das paisagens aos moradores do povoado Pixaim (AL) o pesquisador estimulou narrativas profundas sobre a dinâmica ambiental onde os morros de areias “nascem e morrem”. Fundamentado em teorias da Imagem e da Memória o estudo demonstra que a fotografia atua como uma mediadora eficaz capaz de fazer o “ausente se fazer presente”. Assim, demonstra-se que a fotografia transcende o registro visual, funcionando como um método científico potente para ativar subjetividades e conectar passado, presente e futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia Visual; Imagem; Memória.

APRESENTAÇÃO

Muitas são as possibilidades para desenvolver pesquisas científicas com imagens. No âmbito da antropologia há quem utilize o recurso visual (fotografias, vídeos, desenhos, pinturas ou ilustrações) como meio descritivo, narrativo e até mesmo dissertativo – quando a imagem é por si só o próprio dado etnográfico. Sem a pretensão de conceituar o termo Antropologia Visual ou categorizar os desdobramentos desta como método científico; o presente artigo tem a finalidade de apresentar um relato de campo no qual as imagens fotográficas são utilizadas como recursos de acesso à memória individual e coletiva.

É sábio que a vida é dinâmica e que os espaços físicos são fluídos e experimentam frequentes mudanças. Seja a partir das intervenções humanas; ou, por conta das próprias implicações geográficas, climáticas, geológicas entre outras. Porém, há lugares que essas dinâmicas da vida são mais perceptíveis. Um destes lugares é o povoado Pixaim, que localizado dentro da Área de

¹ Resumo expandido do capítulo do livro Faces e derivas do patrimônio cultural do Brasil. Organizadores: Carlos Caroso e Fátima Tavares; Ed. EDUFBA / ABA Publicações; Salvador, Bahia, 2024; p.521-533.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Preservação Ambiental (APA) de Piaçabuçu, no extremo sul do estado de Alagoas, compartilha o espaço com o rico e complexo ecossistema do Delta do Rio São Francisco.

Assim, a comunidade que está situada sobre imensas dunas de areias que se movem a todo momento com a ação dos ventos tem: ao sul o rio São Francisco; ao leste o oceano Atlântico; ao norte um imenso areal e ao oeste um tabuleiro de xadrez onde a vegetação tropical divide espaço com sítios de coqueirais, fazendas de manejos de animais e as estradas de terra que ligam a área rural à rodovia AL-101 Sul, rodovia que conecta a capital Maceió a cidade de Piaçabuçu.

O território do povoado Pixaim é bastante peculiar. Assim como, os diversos fenômenos naturais que agem sobre aquele. Exigindo de quem o habita outras formas de atenção, compreensão e cuidados na lida da vida. Os moradores de Pixaim, o 'povo das dunas', como são denominados, são considerados nômades porque costumam movimentar suas moradias dentro do mesmo território. Isto é! As famílias que lá coabitam com o ambiente costumam – por necessidade de adaptação – de tempos em tempos migrarem de um espaço para o outro em uma constante negociação com os agentes da natureza – as areias, as dunas, os ventos e as águas. Nesta dinâmica é comum que as casas de taipas permaneçam apenas alguns anos em um determinado ponto; podendo, tempo depois, serem reconstruídas em outros espaços porque a moradia antiga foi 'tomada pelas areias', em um fenômeno cíclico de mudanças intensas e constante. Foi neste ambiente de transformações rápidas e transitórias que adentrei para investigar a relação entre humanos e não-humanos. Neste processo, com o auxílio dos moradores do Pixaim circulei no território, aguicei a percepção e fui acompanhando as modificações do espaço físico ao longo de dois anos. Muitas das alterações podiam ser visualizadas e até mesmo mensuradas em poucos dias ou semanas. A exemplo das dunas que aumentavam de tamanho, se aproximava ou se afastava das casas; e, que por isso, ganharam na conotação dos moradores características dos seres vivos porque como eles relatam os mesmos essas 'caminham', 'nascem', 'crescem' e 'morrem' dentro do território. Tudo dentro de uma lógica 'natural' comentada, contextualizada e explicada pelos moradores.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Pixaim é em sua essência um território de transitoriedade constante. Assim, como são todos os espaços do mundo; mas lá, as mudanças e dinâmicas são de fatos mais perceptíveis. Desta forma, passei a fotografar suas paisagens e os espaços da comunidade com o objetivo de registrar essas alterações ambientais que refletem de forma diversa e diária o campo geográfico e social. Dia a dia, semana a semana, mês a mês registrava uma série de fotografias e ao circular pelas casas da comunidade levava as imagens impressas no intuito de abrir ou ampliar o diálogo com os moradores. A estratégia não só deu certo; foi muito mais além do que eu [pesquisador de primeira viagem] poderia esperar ao adotar de vez as metodologias e as técnicas da Antropologia Visual. Para contextualizar este exercício de Imagem e Memória, e, expor como o ausente se faz presente, é necessário compreender que ao trabalhar com a categoria Memória fazemos uso dos conceitos de Memória Individual e Coletiva, de Halbwachs, que expõem que cada indivíduo dentro de uma sociedade constrói a partir de suas posições, relações e interpretações memórias individuais; que passam a ganhar sentido no âmbito coletivo ao serem referendados pelo grupo diante de interpretações comuns. Processo que é análogo a relação memória-espço diante da ideia que os objetos expostos no ambiente revelam sentidos e significados que foram estabelecidos pelo grupo social:

Quando um grupo humano vive por muito tempo em um local adaptado a seus hábitos, não apenas seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens materiais que os objetos exteriores representam para ele. (Halbwachs, 2015, p.163)

Desta forma, é possível entender que ao tempo que os grupos sociais moldam e adaptam os espaços, eles constroem relações diretas com “coisas” do ambiente; gerando conexões que vão além do que é tátil ou concreto. Nestas conexões estão além tudo processos sensíveis e até mesmo invisíveis – muitos deles descontínuos –; porém, potentes o suficiente para serem percebidos pelos indivíduos e compartilhados pelo coletivo.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo. (Bosi, 2023, p. 31)

É aqui que está uma das chaves da nossa análise: a capacidade sensorial – individual e coletiva – das memórias resgatadas a partir da observação de fotografias. Mas isto, diante da concepção a qual compreendemos que o passado-presente-futuro estão conectados e que as coisas que são lembradas fazem sentido de forma atemporal; ou seja, serve para ontem, para o agora [hoje] e para ao amanhã.

O Ausente se Faz Presente

Para este exercício analítico-etnográfico apresentamos 2 fotografias que vão ajudar a conduzir o diálogo de imagem-memória na relação ausente e presente. Na metodologia utilizada vamos conduzir o exercício apresentando primeiro a imagem; em seguida, uma breve *descrição-narrativa* da fotografia – que compreende a leitura estética e visual (descontextualizada); e, talvez, o que a maior parte das pessoas que não têm relação com território vão conseguir visualizar.

Para, enfim, apresentamos a *descrição-interpretativa* – que corresponde a ao olhar dos interlocutores (moradores de Pixaim) diante da percepção das experiências e memórias na observação das fotografias. Aqui em sua maior parte a descrição é feita a partir de recortes de relatos que foram transcritos dos diálogos na comunidade. Por isso, vale ressaltar que uma só imagem pode conter mais de uma interpretação; no entanto, é neste ponto descritivo que poderemos observar que todas as narrativas feitas pelos interlocutores – mesmo diante das diferenças de abordagem – dialogam e apresentam conexões entre si.

Foto 1



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Descrição-narrativa: Em um plano aberto a fotografia é composta por uma imagem que divide o espaço em três áreas: o ponto focal está no centro, com a presença de três jovens caminhando sobre dunas e um pouco acima uma pequena vegetação com coqueiros que sobressaem; abaixo areias texturalizadas em tons claros e mais escuros; acima, o azul do céu claro. Para os observadores mais atentos é possível perceber que os corpos humanos e não-humanos (areias e o ventos) estão entrecortados e se misturam compondo fluxos de movimento, demonstrando assim uma específica dinâmica física-social do espaço geográfico onde tudo se move em sintonia. A imagem atende aos padrões estéticos da fotografia e como toda concepção visual pode ser visualizada e interpretada por cada observador a sua maneira.

Descrição-interpretativa:

Essa areia toda aqui vem do mar. [Aponta] As areias vêm de lá de Pão de Açúcar. Lá do sertão mesmo! Aí veja só como é: ela [as areias] vem de lá bolando, bolando, bolando dentro do rio com a água trazendo. Daí vem bater aqui dentro do mar. Aí quando chega na boca da barra, o mar bota pra fora, pra terra. Da terra elas espalham tudo com o vento, espalham 'tudinhas'. [aponta para as areias que se movimentam com o vento]. [...] Repare ela caminhar. Ela vem caminhando! Olhe, ela é assim! É viva! Olhe os cacurutos eles é que andam viu [risos]. Com o vento a areia vem caminhando aí chega aqui num lugar e suspende pra cima, formando o morro. Noutro lugar ele baixa, matando o morro até ele morrer. Embaixo desses morros que crescem tem é um monte de casas. Já morou alguém ali que hoje já não mora mais porque a areia incomodou. Daí quando ela ofende o jeito é achar outro lugar para vive. Duna é um caso medonho, é fogo [risos]. (Morador 1 – 04 de novembro de 2026)



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Quanta areia. É muita areia, né. Éita, lugar pra ter areia. Essa areia toda vem do mar. É o mar que joga ela pra fora e o vento traz e junta tudo aqui. [...] A gente não sabe bem como é né. Mas diz o povo mais antigo e a gente acredita porque acaba vendo que é assim mesmo: o mar joga a areia pra fora, daí o vento traz, junta aqui, mas elas continuam andando e vão até o rio. Do rio elas descem de novo para o mar, que volta a jogar pra fora e continua tudo novamente. Pra sempre! Por isso os morros nunca acabam e Pixaim nunca deixará de ter areia. Pelo menos é isso que velhos contam, né? (Moradora 2 – 12 de novembro de 2016)

Foto 2



Descrição-narrativa: Na fotografia de plano aberto é possível observar pequenos montes de areias com vegetação rasteira que dividem a atenção com dois meninos que caminham em direção ao horizonte. É possível que os observadores mais atentos visualizem ainda as pegadas nas areias que marcam o trajeto da caminhada; como também, percebam as pequenas ondulações nas areias que são formadas pelo vento. A fotografia mantém um padrão estético com cores pasteurizadas onde se destaca a amplitude do espaço gerando a impressão de continuidade permanente do território coberto pelas areias.

Descrição-interpretativa:

Este é um lugar de Morros Vivos. Morro é o que vocês de fora chamam de dunas. Pra gente é morro! Pra vocês, dunas! Mas tudo é feito da mesma coisa: areia. Eles estão vivos porque nascem, crescem e morrem conforme a direção do vento. Tá vendo aquele morro lá. (Aponta) Tá morrendo. Ele vai morrer ali, para nascer aqui. Hoje você chegou aqui tá assim. Amanhã quando voltar muita coisa vai tá diferente porque a areia se move a todo momento nesse lugar. Por isso é preciso saber vive aqui. [...] Tá vendo esses morros pequenos onde



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



os meninos estão correndo? Vocês chamam de quê? Aqui a gente chama de 'cacorutos'. Eles são feitos pelo vento também e mudam dia a dia. É bonito, né? (Morador 3 - 07 de maio de 2016)

Pixaim não era o que é hoje. Quando a água era doce havia plantio de arroz e muita gente aqui. O povoado era vivo e bem mais para lá, perto do mar e da foz. Naquela época todo mundo vivia do arroz. Com o fim do arroz muita gente, os mais jovens, foram embora em busca de trabalho em outros lugares e por lá ficaram. Daí, só ficou aqui os velhos. E uns que iam e vinham. No passado pra onde você olhasse era casa. Tinha até bar e mercearia. (Morador 4 - 14 de abril de 2017)

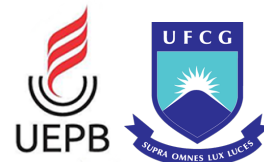
CONSIDERAÇÕES

Ao tomar como verdade a compreensão que as imagens etnográficas são por si dados científicos; e, que, a partir de abordagem metodológica adequada elas podem também ser usadas como instrumentos para abertura e ampliação de diálogo; a exemplo do exposto no exercício-analítico acima, é importante destacar que “as imagens necessitam de mediações, de aportes e contextos para serem compreendidas” (Gonçalves, 2016, p. 21). Foi com esta concepção que as fotografias analisadas no presente texto potencializaram as subjetividades dos interlocutores, os quais a partir das imagens evocaram as memórias partilhadas no campo social e nos espaços físicos.

Estas percepções estão visíveis no debate da FOTO 1 quando uma imagem de jovens caminhando nas areias evocaram nos moradores da comunidade discussões sobre as dinâmicas geográficas do ambiente. Muito além do que está visualmente “posto” na imagem foram discutidos processos da permanência das areias e dos morros no território; como também, veio à tona narrativas sobre a processos de vida dos inúmeros seres inanimados, a exemplo das areias e dos morros que no imaginário dos interlocutores são dotados de características de seres vivos – como o nascer, viver e morrer; ou o andar e tomar (apossar). Pois, embora o foco central da fotografia esteja nas três jovens entrecortadas pelas dunas e ventos; ao observar as imagens os moradores de Pixaim alcançaram outros pontos de subjetividades aos quais contextualizaram diante dos conhecimentos que têm do espaço e da memória individual e coletiva que dialogam e se tocam em diversas narrativas.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Quanto a FOTO 2 a discussão sobre as características dos “Morros Vivos” volta à tona contextualizado na compreensão dos moradores. Porém, outros debates são introduzidos a partir da observação da imagem: o do êxodo rural, fenômeno social que se encontra relacionado com a salinização das águas do Rio São Francisco; e a decadência da cultura do arroz, que tem relação com os impactos ambientais – mostrando que muitos dos processos sociais e ecológicos estão conectados. Nesta discussão ao observar a imagem dos meninos sobre o vasto campo aberto os moradores visualizam as casas do antigo povoado e as dinâmicas que havia no lugar, ao evidenciar a presença de um comércio local e os problemas enfrentados pelas gerações mais novas – a exemplo de falta de trabalho e perspectivas para permanecer no povoado. Todas essas questões são costuradas em diversas outras narrativas ao longo dos diálogos com outras imagens, sendo pontuadas hora como memória individual, e, em muitos casos, referendas pela memória coletiva não só dos mais velhos; mas também, dos adultos, jovens e crianças que interagem com o lugar. E isso ocorre quase sempre em uma linha narrativa não linear onde presente, passado e futuro se cruzam.

Portanto, como demonstrado neste exercício de antropologia visual podemos evidenciar que a pesquisa com imagens além de ser um excelente instrumento para partilha de experiências e ampliação de diálogo com interlocutores; é, em si, um importante método de alcance de eficácia simbólica na construção e contextualização de memórias individuais e coletiva. Os homens sempre usaram as imagens para dar forma aos seus conceitos de realidade (Júnior, 1973, p. 4). E, por isso, as fotografias são capazes de ativar a memória permitindo que os interlocutores (re)vivam momentos e situação que os marcaram ou os consideram importantes dentro de uma lógica que se reflete no campo social do presente, com ligação do passado e projeção para o futuro.

As nossas imagens interiores nem sempre são de natureza individual, mas, mesmo se forem de origem coletiva, são de tal modo interiorizadas por nós que as temos por genuínas imagens nossas. As imagens coletivas significam,



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



pois, que, ainda que percebamos o mundo como indivíduos, fazemo-lo de modo coletivo e com um olhar historicamente determinado (Belting, 2014, p. 33).

Assim, é possível observar que o método antropológico visual é eficaz não por conta da materialização da fotografia em si; mas sim, por conta da capacidade fluída da imagem, que permite presença na ausência; não se prendendo a um só tempo ou interpretação. Dinâmica a imagem é instrumento científico porque sua validade está na subjetividade que permite no âmbito da experiência e memória valores e significados distintos dentro de um mesmo grupo social.

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robison. **Fotoetnografia – um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho**. Ed. Tomo, Porto Alegre, RS, 1997.

_____. **Fotoetnografia – da Biblioteca Jardim**. Editora UFRGS, Porto Alegre, RS, 2004.

BELTING, Hans. **Antropologia da Imagem – para uma ciência da imagem**. Editora KKYM+EAUM, Lisboa, 2014.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória – Ensaios de Psicologia Social**. 3 Edição, Ed. Atêlie, São Paulo, 2023.

COSTA, Waldson de Souza. **Nos ‘Morros Vivos’ de Pixaim: as dinâmicas dos conhecimentos no ambiente**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, 2018.

_____. A quem pertence a imagem? Implicações éticas sobre o uso da fotografia em trabalhos científicos. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, [S. l.], v. 8, n. 14, p. 1–23, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/22420>. Acesso em: 9 jan. 2024.

DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico e Outros Ensaios**. Ed. Papirus, 7 Edição, São Paulo, 2003.

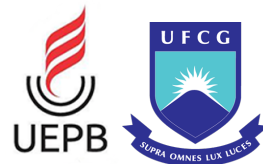
ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luisa. **Etnografia da Duração. Etnografia da Duração – antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas**. Palloti. Porto Alegre, 2023.

GONÇALVES, Marco Antônio. Imagem e Experiência. In: NOVAES, S.C.; HIKIJI, R.S.; CUNHA, E.; BARBOSA, Andrea (Org.). **A Experiência da Imagem na Etnografia**. Ed. Terceiro Nome, São Paulo, 2016. (p.19-25)

HALBWACHS. Maurice. **A Memória Coletiva**. Ed. Centauro, 2 Edição, São Paulo, 2013.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



JUNIOR. John Collier. **Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa**. Editora Pedagógica e Universitária, São Paulo, 1973.

MARTINS. José de Souza. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. Ed. Contexto. 2 Edição, São Paulo, 2017.

NOVAES, Sylvia Caiuby. **Imagens em Foco nas Ciências Sociais**. In: HIKIJI, Rose Satiko. (Org.). *Escrituras da Imagem*. Fapesp. São Paulo: Edusp, 2004, p. 11-18.

PEIXOTO, Clarice Ehlers (Org.). **Antropologia e Imagem – Narrativas Diversas** (Volume 1). Ed. Garamond. Rio de Janeiro, 2011.